

Pioram os indicadores macroeconômicos

Durval de Noronha Goyos
ADVOGADO

Os indicadores macroeconômicos brasileiros do primeiro semestre de 2010 indicam uma sensível piora. Para começar, a balança comercial do país teve o pior resultado semestral em oito anos, com um aumento expressivo das importações de cerca de 44% na primeira metade de 2010, face ao mesmo período de 2009. Com isso, o saldo comercial do semestre ficou em apenas US\$ 7.9 bilhões.

Da mesma forma, os investimentos diretos estrangeiros (IEDs) no Brasil, que têm o caráter produtivo, no período de janeiro a maio deste ano, em cerca de US\$ 10.5 bilhões, enquanto que os investimentos brasileiros no exterior, para o mesmo período, ficaram em US\$ 11.2 bilhões. O Banco

Central (BC) projetou para 2010 uma queda de 15% dos IEDs de US\$ 45 bilhões para US\$ 38 bilhões.

Como consequência, agrava-se a situação do déficit do balanço de pagamentos do país, que deve ficar em US\$ 49 bilhões, conforme projeções recentes do BC. Esse déficit demonstra uma maior vulnerabilidade das contas brasileiras, mas a situação hoje é bem melhor que no passado, pois ele representa apenas 2,5% do Produto Interno Bruto (PIB) do país. O Brasil tem hoje reservas externas de US\$ 250 bilhões, o que não ocorria em épocas anteriores.

No entanto, a situação torna-se insustentável a médio e longo prazo, o que deve servir de alerta para o próximo governo brasileiro. A persistir tal situação, as reservas externas brasileiras poderão ser

O Banco Central projetou para 2010 queda de US\$ 45 bilhões (15%) dos investimentos estrangeiros

substancialmente reduzidas em 2011 ou mesmo chegar a patamares mínimos, o que trará vulnerabilidades sérias.

A deterioração do quadro pode, sem dúvidas, ser atribuída à política monetária brasileira, consistente desde o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso até os dias atuais, que mantém o real supervalorizado em até 40% face às moedas dos principais parceiros econômicos do Brasil.

Essa política foi desenvolvida há muitos anos com o propósito de baratear as importações e, com isso,

controlar a inflação. Trata-se de um remédio tanto anódino quanto fatal em seus efeitos colaterais. A inflação se controla com racionalização dos gastos públicos, missão impossível para sucessivos governos brasileiros.

A sobrevalorização do real em até 40% representa um subsídio insano dado pelo Brasil aos exportadores estrangeiros. Os efeitos dessa política trazem não apenas a perda de competitividade das exportações brasileiras, mas representam um incentivo às importações. Assim, estimula-se a desindustrialização no Brasil ao mesmo tempo em que se incentivam os investimentos brasileiros no exterior para prover o próprio mercado brasileiro.

Ao desajuste da política monetária brasileira devem-se somar os ônus tributários, sem paralelo

no mundo, como também os custos financeiros, devido ao viés das taxas de juros elevadas. Essas taxas acabam por atrair o ópio dos capitais especulativos, que se tornam gradativamente indispensáveis para o fechamento do balanço de pagamentos.

Enquanto nossas indústrias migram para o exterior, a maré das importações compromete nossa limitada infraestrutura de comércio exterior, como portos, aeroportos, rodovias e ferrovias, sufocando o normal funcionamento de nossa economia de exportação.

Mesmo os EUA, que têm uma moeda reserva, descobriram duramente que o país não pode viver apenas de importações. Quando acordaremos?

Durval de Noronha Goyos é sócio sênior da Noronha Advogados